



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO SERTÃO
PERNAMBUCANO - CAMPUS SALGUEIRO
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA**

JEANE NOGUEIRA DA SILVA MARQUES

**A INCLUSÃO COMO FORMA DE EMANCIPAÇÃO DE ALUNOS AUTISTAS NA
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (EPT)**

SALGUEIRO, PE

2026



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO SERTÃO
PERNAMBUCANO - CAMPUS SALGUEIRO
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA**

JEANE NOGUEIRA DA SILVA MARQUES

**A INCLUSÃO COMO FORMA DE EMANCIPAÇÃO DE ALUNOS AUTISTAS NA
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (EPT)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, como parte dos requisitos para a conclusão do curso de Especialização Em Docência na Educação Profissional e Tecnológica.

Orientadora: Profa. Dra. Marli Schmitt Zanella

SALGUEIRO, PE

2026

M111 MARQUES, Jeane Nogueira da Silva.

A INCLUSÃO COMO FORMA DE EMANCIPAÇÃO DE ALUNOS AUTISTAS NA
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (ÉPT) / Jeane Nogueira da Silva MARQUES.
- Salgueiro, 2026.
32 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Docência para Educação
Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão
Pernambucano, Campus Salgueiro, 2026.

Orientação: Prof^ª. Dr^ª. Marli Schmitt Zanella.

1. Educação especial. 2. Pesquisa (Auto) biográfica. 3. Inclusão. 4. Autismo. 5. Protagonismo.
I. Título.

CDD 371.9

JEANE NOGUEIRA DA SILVA MARQUES

**A INCLUSÃO COMO FORMA DE EMANCIPAÇÃO DE ALUNOS AUTISTAS NA
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (EPT)**

Relatório de Formação apresentado ao curso Especialização em Docência na Educação Profissional e Tecnológica do IF Sertão PE, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Docência na Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em: 27/03/26

NOTA: **97**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Marli Schmitt Zanella
Universidade Estadual de Maringá

Prof. (a): Ana Heloísa Castro de Sá Paiva
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof.Dr. Paulo Cássio Alves Linhares
Universidade Federal de Lavras

SALGUEIRO, PE

2026

AGRADECIMENTOS

Aos tutores, que sempre acompanharam os trabalhos com presteza e atenção, colaborando para o cumprimento dos prazos e o desenvolvimento das atividades.

Aos membros da banca examinadora, Prof.(a) Ana Heloísa Castro de Sá Paiva, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e Prof. Dr. Paulo Cássio Alves Linhares, da Universidade Federal de Lavras, pela atenção, disponibilidade e pelas valiosas contribuições e correções realizadas, fundamentais para o aprimoramento deste trabalho.

À minha orientadora, Marli S. Zanella, minha sincera gratidão pela orientação, apoio, incentivo e por contribuir de forma significativa, encorajando-me na conclusão deste trabalho e mostrando os caminhos necessários para alcançar este objetivo tão almejado, essencial para minha carreira profissional.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho, o meu muito obrigada.

Muito obrigada!

“É importante salientar a importância do papel do professor na cultura inclusiva, pois, nesse contexto, ele assume uma posição imprescindível para a verdadeira inclusão.”

Neide Maria Santo

RESUMO

Este trabalho apresenta uma pesquisa (auto)biográfica que reflete sobre a trajetória formativa e profissional da autora, conectando vivências pessoais — desde a infância em Cabrobó/PE até a graduação em Pedagogia — com os saberes construídos na Especialização em Docência na Educação Profissional e Tecnológica (EPT). O estudo objetiva investigar como as práticas de inclusão na EPT influenciam a emancipação e o desenvolvimento da autonomia de alunos autistas. A metodologia, de natureza qualitativa e cunho autobiográfico, utiliza as narrativas de formação como instrumento de análise crítica da prática docente. Fundamenta-se em autores como Souza, que discute a pesquisa (auto) biográfica, Saviani e Gramsci na perspectiva do trabalho como princípio educativo e da formação omnilateral. As reflexões apontam que a EPT, ao integrar ciência, tecnologia e cultura, configura-se como um espaço potente para a inclusão, desde que utilize tecnologias assistivas e práticas pedagógicas pautadas na equidade. A cultura digital na EPT transcende o uso de dispositivos; ela se configura como uma estratégia de mediação pedagógica essencial. Para o aluno com TEA, o uso intencional da gamificação e das tecnologias assistivas atua na redução de barreiras sensoriais e comunicativas, promovendo o engajamento. A formação do aluno autista deve ser pautada na omnilateralidade, refutando o treinamento meramente instrumental. Sob à luz da perspectiva histórico-dialética, o trabalho como princípio educativo garante que o estudante com deficiência seja visto como um sujeito capaz de produzir cultura e transformar sua realidade. A escola unitária, portanto, é a única capaz de oferecer a base intelectual necessária para que a inclusão resulte em efetiva emancipação humana. A prática inclusiva na EPT não deve buscar a homogeneização, mas a valorização da singularidade como potência de aprendizado. Ao adotar práticas baseadas em evidências científicas e o Desenho Universal para a Aprendizagem, a escola não apenas recebe o aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA), mas assegura-lhe o direito à aprendizagem significativa e à equidade. O Projeto Integrador é a metodologia mais eficaz para a autonomia do aluno com TEA. Ao articular teoria e prática em situações reais, essa estratégia reduz a abstração e favorece a organização cognitiva e social do estudante. Integrar saberes significa, portanto, oferecer ao aluno autista uma visão totalizante do processo produtivo, permitindo que ele se reconheça como protagonista de sua própria formação técnica e humana. A escola que promove o êxito é aquela que se adapta às necessidades do estudante, utilizando tecnologias assistivas e metodologias ativas para garantir que o ingresso na EPT se transforme em uma trajetória de sucesso acadêmico e profissional. Portanto, a formação docente contínua e o olhar atento à subjetividade do discente com Transtorno do Espectro Autista (TEA) são fundamentais para superar processos excludentes, promovendo uma educação que possibilite o protagonismo acadêmico, social e profissional desses sujeitos.

Palavras-chave: Pesquisa (Auto) biográfica. Inclusão. Autismo. Protagonismo.

ABSTRACT

This work presents an (auto)biographical research that reflects on the author's formative and professional trajectory, connecting personal experiences—from childhood in Cabrobó/PE to graduation in Pedagogy—with the knowledge built in the Specialization in Teaching in Professional and Technological Education (EPT). The study aims to investigate how inclusion practices in EPT influence the emancipation and development of autonomy of autistic students. The methodology, of a qualitative and autobiographical nature, uses training narratives as an instrument for critical analysis of teaching practice. It is based on authors such as Souza, who discusses (auto)biographical research, Saviani, and Gramsci from the perspective of work as an educational principle and omnilateral formation. The reflections indicate that EPT, by integrating science, technology, and culture, is configured as a powerful space for inclusion, provided that it uses assistive technologies and pedagogical practices based on equity. Digital culture in EPT transcends the use of devices; it is configured as an essential pedagogical mediation strategy. For students with ASD, the intentional use of gamification and assistive technologies reduces sensory and communicative barriers, promoting engagement. The education of autistic students should be based on omnilaterality, rejecting merely instrumental training. From a historical-dialectical perspective, work as an educational principle ensures that students with disabilities are seen as subjects capable of producing culture and transforming their reality. The unified school, therefore, is the only one capable of offering the necessary intellectual foundation for inclusion to result in effective human emancipation. Inclusive practice in vocational and technological education should not seek homogenization, but rather the valuing of individuality as a potential for learning. By adopting practices based on scientific evidence and Universal Design for Learning, the school not only welcomes students with Autism Spectrum Disorder (ASD), but also ensures their right to meaningful learning and equity. The Integrative Project is the most effective methodology for the autonomy of students with ASD. By articulating theory and practice in real-life situations, this strategy reduces abstraction and favors the cognitive and social organization of the student. Integrating knowledge therefore means offering the autistic student a holistic view of the productive process, allowing them to recognize themselves as the protagonist of their own technical and human development. The school that promotes success is the one that adapts to the student's needs, using assistive technologies and active methodologies to ensure that entry into vocational and technological education becomes a trajectory of academic and professional success. Therefore, ongoing teacher training and a keen eye on the subjectivity of students with Autism Spectrum Disorder (ASD) are fundamental to overcoming exclusionary processes, promoting an education that enables the academic, social, and professional protagonism of these individuals.

Keywords: (Auto) biographical research. Inclusion. Autism. Empowerment.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2. OBJETIVOS	12
2.1 Objetivo geral	12
2.2 Objetivos específicos	12
3 DESENVOLVIMENTO	13
3.1 Narrativas do processo formativo	13
3.2 Experiências e vivências na Educação Profissional e Tecnológica.....	15
3.3 Reflexões sobre a formação acadêmica no curso	16
3.3.1 Cultura Digital e Educação Profissional e Tecnológica.....	16
3.3.2 Trabalho-Educação: Fundamentos Teórico-Didáticos II	18
3.3.3 Práticas Educativas na EJA-EPT: Teorias e Didáticas	21
3.3.4 Práticas Educativas Inclusivas na EPT: Teorias e Didáticas	22
3.3.5 Práticas educativas integradoras na EPT (Educação Profissional e Tecnológica)	23
3.3.6 Práticas educativas para permanência e êxito discente na EPT: Teoria didática.....	24
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
NOTA ÉTICA.....	30
REFERÊNCIAS.....	31

1 INTRODUÇÃO

Meu nome é Jeane Nogueira da Silva Marques, sou filha de agricultores, nasci na cidade de Cabrobó/PE, sempre gostei muito de estudar e umas das memórias quando criança na sala de aula era uma música que a professora cantava para ensinar a letra. Minha infância foi marcada por muitas dificuldades financeiras, na maioria das vezes tínhamos apenas o básico para nos alimentar, realmente foi uma infância de grande vulnerabilidade. Sempre tive o incentivo de minha mãe e de outros familiares para continuar estudando. No momento estou com 38 anos, sempre estudei em escola pública, vi na educação uma oportunidade de “vencer na vida”, acredito sim que a educação modifica a forma de pensarmos e nos impulsiona para um futuro promissor. Penso que ela muda as pessoas e essas por sua vez transformam tudo ao seu redor.

Em 2020, dez anos após terminar o curso técnico, senti a necessidade de fazer um curso superior e assim o fiz, me escrevi no vestibular da Universidade de Pernambuco (UPE), na modalidade a distância, escolhi o curso de licenciatura em pedagogia, foi uma experiência ímpar, consegui terminar o curso em dezembro de 2023. Ser aluna em um curso totalmente online, pois era tempo de pandemia, não era tarefa nada fácil, mas com uma rede de apoio consegui terminar com êxito.

Terminei o ensino médio em 2006, na época não tinha tantos recursos e oportunidades como atualmente. Porém tentei o vestibular de psicologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf) no final de 2007, mas não consegui a aprovação. No entanto, vi no Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Sertão Pernambucano – Campus Petrolina Zona Rua uma oportunidade de me especializar, fiz o teste para subsequente e consegui passar na prova que me oportunizou cursar Técnico em Agroindústria, o curso foi muito produtivo, com professores excelentes que me mostraram uma nova realidade, porém mesmo concluindo o curso em 2010 não fiquei trabalhando na área

Ao terminar o curso superior ingressei em uma pós-graduação em ABA no ano de 2024, pois percebi a necessidade de me especializar na área da educação na perspectiva da educação especial, foi o trabalho como auxiliar de um aluno com DEFICIÊNCIA INTELECTUAL (DI) que me despertou para a especialização numa

área tão carente como essa. Mas não para por aí, ainda em 2024 comecei a pós em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano – Campus Salgueiro.

O curso ofereceu até o momento disciplinas muito valiosas que nos fez parar e refletir a nossa prática. Porém tive dificuldade para me situar no curso, mas essa formação só tem a acrescentar na minha carreira profissional, apesar de não trabalhar na EPT, me sinto pertencente, durante esses meses pude aprender e reforçar o conhecimento sobre os vários ramos dessa modalidade de ensino. Nesse sentido, esse trabalho se configura como a pesquisa autobiográfica. De acordo com Souza:

No campo educacional brasileiro, as pesquisas (auto)biográficas tem se consolidado como perspectiva de pesquisa e como práticas de formação, tendo em vista a oportunidade que remete tanto para pesquisadores, quanto para sujeitos em processo de formação narrarem suas experiências e explicitarem, através de suas narrativas orais e/ou escritas, diferentes marcas que possibilitam construções de identidades pessoais e coletivas (Souza, 2014, p. 40).

A problemática que norteia esse estudo é entender de que maneira as práticas de inclusão na Educação Profissional e Tecnológica contribuem para a emancipação e autonomia dos alunos autistas no contexto educacional e social. Vale ressaltar que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) no art. 60 paragrafo único traz que:

O poder público adotará, como alternativa preferencial, a ampliação do atendimento aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação na própria rede pública regular de ensino, independentemente do apoio às instituições previstas neste artigo (Brasil, 2023, p. 44).

Dessa forma será explorado o papel transformador da EPT na vida de alunos autistas, uma vez que essa modalidade de ensino concede possibilidades práticas e direcionadas ao desenvolvimento de competências profissionais, sociais e cognitivas. Essas são fundamentais para que esses estudantes possam exercer sua cidadania plena, ter acesso ao mercado de trabalho de forma digna e, sobretudo, conquistar maior independência em sua vida adulta. Diante disso, investigar de que forma a Educação Profissional e Tecnológica pode atuar como instrumento de

emancipação para alunos autistas é fundamental para repensar políticas educacionais, práticas docentes e estratégias de inclusão que realmente contemplem a diversidade e possibilitem trajetórias de vida mais autônomas e significativas para esses sujeitos.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

- ✓ Investigar como as práticas de inclusão na educação Profissional e Tecnológica influenciam na emancipação e no desenvolvimento da autonomia de alunos autistas

2.2 Objetivos específicos

- ✓ Analisar as práticas pedagógicas inclusivas adotadas na EPT voltadas para alunos autistas;
- ✓ Relacionar essas práticas pedagógicas inclusivas ao meu memorial autobiográfico, considerando as vivências ao longo das disciplinas na EPT e minha atuação profissional.
- ✓ Compreender de que forma a inclusão contribui para a construção da autonomia e da emancipação desses alunos.

3 DESENVOLVIMENTO

O presente trabalho será realizado a partir de reflexões e narrativas sobre minha formação na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), seguindo o método de pesquisa (auto)biográfica qualitativa. Dessa forma, esta metodologia caracteriza-se pelo fato de o pesquisador ser o próprio sujeito da pesquisa. Nesse sentido Souza afirma que:

No campo educacional brasileiro, as pesquisas (auto)biográficas tem se consolidado como perspectiva de pesquisa e como práticas de formação, tendo em vista a oportunidade que remete tanto para pesquisadores, quanto para sujeitos em processo de formação narrarem suas experiências e explicitarem, através de suas narrativas orais e/ou escritas, diferentes marcas que possibilitam construções de identidades pessoais e coletivas (Souza, 2014, p. 40).

Essa formação é fundamental, pois o conhecimento adquirido valorizará o meu currículo, visto que o mercado de trabalho exige, cada vez mais, profissionais bem preparados para atuarem de forma assertiva. As ferramentas utilizadas foram relatos da minha formação e plataformas como google acadêmico. Foi realizado buscas com descritores como EPT + educação inclusiva e emancipação de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Esse trabalho foi muito importante ao possibilitar a compreensão do ponto de vista de autores, que trazem contribuições importantes sobre esses sujeitos.

Segundo dados do INEP (2018), o número de matrículas de estudantes com TEA cresceu **37,27%** em apenas um ano, evidenciando uma pressão crescente sobre os sistemas de ensino. Contudo, como apontam Maschio, Oliveira e Oliveira (2025), a produção científica ainda não acompanha este ritmo, apresentando uma escassez de estratégias pedagógicas específicas, o que torna urgente pesquisas que fomentem a emancipação destes sujeitos através de práticas integradas.

3.1 Narrativas do processo formativo

Na minha trajetória acadêmica, passei por várias instituições e concluí o ensino médio na rede pública de ensino. A disciplina com a qual sempre tive muita

afinidade era Língua Portuguesa, embora seja, em minha opinião, a mais complexa de todas. Ao terminar o ensino médio, tive a oportunidade de participar como ouvinte de um curso preparatório para o vestibular. Tentei o ingresso no curso de Psicologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), mas não consegui a aprovação tão sonhada.

Vi no Instituto Federal, antigo Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET), a oportunidade de uma preparação para o mercado de trabalho. Fiz a prova para o curso subsequente em Agroindústria e consegui ingressar na instituição. O fato de ser uma jovem de baixa renda e morar distante da instituição me oportunizou ser aluna interna; além disso, ser monitora na agroindústria do IF foi uma das conquistas mais gratificantes. Sem dúvida, o incentivo financeiro contribuiu para o meu desempenho. Durante o curso, desenvolvi um projeto sobre o umbu em parceria com uma colega e uma professora, o que foi uma experiência muito enriquecedora.

Após a conclusão do curso, fui trabalhar no comércio como balconista de açougue em um supermercado, o que não fugia totalmente da minha área de formação. Os conhecimentos adquiridos me deram a oportunidade de trabalhar — algo que eu sonhava tanto e considerava inalcançável, pois o único universo que conhecia era o da agricultura. Trabalhei por certo período, mas não me identifiquei com a área em que estava atuando, então pedi demissão e regressei para minha cidade – Orocó, PE.

Após dez anos fora da sala de aula, prestei o vestibular para Pedagogia pela Universidade de Pernambuco (UPE) e fui aprovada, o que despertou em mim uma alegria imensa. Iniciei minha jornada no ensino superior em 2020 e, no início, enfrentei muitas dificuldades, pois o curso era totalmente a distância devido ao contexto da pandemia de COVID-19. Aos poucos me adaptei e consegui concluir a graduação em 2023.

Senti, então, a necessidade de fazer uma especialização e, ao saber de uma turma para o curso de Análise do Comportamento Aplicada (ABA), não hesitei em me inscrever. Durante a pós-graduação, aprofundi meus conhecimentos sobre as pessoas com deficiência, principalmente sobre o comportamento de autistas. Foi uma experiência enriquecedora que me motivou a pesquisar mais sobre esse

universo. Concluí o curso em 2025. Sem dúvida, são realizações que eu nem imaginava viver, mas sinto que estou no caminho certo. Sei que o mercado de trabalho busca pessoas qualificadas e o desejo de continuar estudando é um ingrediente essencial nesse processo.

3.2 Experiências e vivências na Educação Profissional e Tecnológica

A Educação Profissional e Tecnológica (EPT) é uma modalidade de ensino que tem como objetivo preparar o sujeito não somente para o mercado de trabalho, mas também para o exercício da cidadania. Na EPT, o ser humano é percebido em todos os seus aspectos; nesse sentido, o foco deixa de ser apenas o cognitivo para entender melhor quem são os sujeitos envolvidos no processo e quais sonhos almejam alcançar. A educação passa a ser omnilateral e integra educação, ciência e tecnologia, oferecendo cursos de qualificação, de nível técnico e superior, além de pós-graduação. A EPT é uma oportunidade para se pensar a forma como o trabalho é concebido, entendendo conceitos como alienação, entre outros.

Minha vivência na EPT iniciou-se em 2009, quando fui aprovada em um curso profissionalizante; realizei o exame subsequente e obtive a aprovação. Durante esse curso, tive a oportunidade de conhecer professores excelentes, o que possibilitou um aprendizado gigantesco. Desenvolvi projetos de pesquisa e elaboração de produtos à base de carne, tanto bovina quanto caprina. Conheci mais sobre o processo de cura e conservação de alimentos como salsicha, mortadela e salame. Preparamos alimentos com vegetais e até fabricamos cachaça a partir da acerola.

Conhecer o Instituto Industrial, localizado na cidade de Petrolina, foi muito gratificante, embora o Instituto Federal onde estudei, no Projeto N4, também possuísse uma estrutura e organização excelentes. Durante o curso, eu sempre gostava muito das aulas em laboratório; fazer as análises do pH dos alimentos era algo fascinante. Também aprendi bastante ao realizar visitas técnicas em fábricas de produção de alimentos, como as de queijo, doces e polpas.

A experiência mais recente com a EPT foi a pós-graduação. Durante o curso, pude compreender vários conceitos que trazem o trabalho como princípio educativo, a importância da tecnologia na educação e como uma formação integradora faz a

diferença no processo educacional, além de temas como a educação inclusiva. A princípio, senti dificuldades — não com as tecnologias ou com os formatos das aulas, mas com a gestão do tempo. Ser aluna de um curso totalmente a distância requer uma disciplina rigorosa, domínio das tecnologias e afinidade com a área.

Confesso que foi uma caminhada árdua devido à correria do cotidiano; conciliar trabalho, especialização e família não foram uma tarefa fácil, mas posso dizer que consegui. Percebo que essa especialização contribuiu para me tornar uma profissional bem mais preparada para os desafios educacionais e sociais contemporâneos.

3.3 Reflexões sobre a formação acadêmica no curso

A trajetória percorrida ao longo desta especialização permitiu uma articulação profunda entre os referenciais teóricos e a prática docente na Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Mais do que o acúmulo de informações, cada componente curricular contribuiu para o amadurecimento do meu olhar sobre a inclusão de alunos autistas, permitindo-me alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa. Minha formação na pós-graduação, especialmente os estudos sobre Educação Inclusiva e Especial, tornou-se o pilar da minha prática como apoio escolar. Os desafios cotidianos me mostraram que a busca contínua pelo conhecimento é o que permite uma atuação verdadeiramente acolhedora. Compreendi que pesquisar não é apenas um ato acadêmico, mas um compromisso com a transformação da realidade dos estudantes.

Nesse sentido, as disciplinas que mais marcaram e contribuíram para minha trajetória acadêmica, assim como para a escolha do tema do trabalho, foram:

3.3.1 Cultura Digital e Educação Profissional e Tecnológica

Esta disciplina foi de suma importância, pois possibilitou enxergar de forma positiva a tecnologia. Compreendi que as ferramentas tecnológicas são fundamentais para nós, que cursamos uma pós-graduação no formato EAD. A

disciplina também trouxe reflexões valiosas sobre a gamificação; a prática que faz uso dessa potente ferramenta não pode permitir que o preconceito impeça uma atividade tão significativa.

Para Costa, Carvalho e Silva (2022, p.208): “as produções digitais continuam atraindo cada vez mais consumidores em contextos diversos, seja nas residências, em locadoras ou outros ambientes sociais criados a partir dos jogos”. Dessa forma, o jogo em si não é um simples passatempo ou perda de tempo, mas uma maneira interessante de aprender, pois jogos podem contribuir para o aprimoramento do gênero. Costa, Carvalho e Silva (2022, p. 214), ainda nos diz que: “o jogo digital conta com desafios a serem cumpridos e charadas que precisam ser respondidas, exigindo do jogador habilidades como atenção, raciocínio lógico, assimilação e memória”.

Vale salientar que essa disciplina foi muito produtiva e não senti dificuldade em cursá-la por ser algo que faz parte do cotidiano. Ao refletirmos sobre a vida sem a internet, deparamo-nos com uma preocupação gigantesca, já que vivemos em um mundo globalizado onde as tecnologias facilitam a comunicação e possibilitam economia de tempo. Entretanto, não podemos esquecer que, na mesma medida em que a facilidade contribui, as chances de golpes também aumentam. Segundo Fuchs e Stuaní (2021, p. 4): “os crimes cibernéticos são praticados por indivíduos ou organizações, denominados cibercriminosos ou *hackers*”. Os autores intensificam que:

O que antigamente se tratava apenas de downloads ilegais de conteúdos com direitos autorais ou o uso para descarregar seu ódio na internet, hoje se tornou um meio para casos de roubo financeiro e informações pessoais, extorsão, espionagem, entre outros (Fuchs; Stuaní, 2021, p. 4).

Dessa forma, faz-se necessário muito cuidado e um olhar crítico para os conteúdos que consumimos, a fim de não sermos manipulados pelos algoritmos. É necessária uma postura crítica a respeito das informações para evitar cair em fraudes. Nesse sentido é fundamental conscientizar os alunos com TEA, bem como os demais, sobre os riscos ao usar as ferramentas digitais, saber utilizar de forma correta pode potencializar as aprendizagens. O ideal é a escola oferecer uma estrutura adequada com laboratório de informática sob orientação de um instrutor da área.

As discussões travadas nesta disciplina foram fundamentais para a análise das práticas pedagógicas inclusivas voltadas para alunos autistas. Conforme nos alerta Bersch (2017), a tecnologia assistiva é uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação, de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social.

A partir desse entendimento, compreendi que a Cultura Digital na EPT não se limita ao domínio técnico, mas constitui uma prática pedagógica essencial que, por meio de recursos como softwares de comunicação alternativa, jogos educativos adaptados e plataformas digitais acessíveis, pode eliminar barreiras comunicacionais e sensoriais enfrentadas por estudantes com TEA. Nesse sentido, as tecnologias digitais de informação e comunicação, quando utilizadas como tecnologia assistiva, podem potencializar habilidades e contornar dificuldades funcionais dos alunos com deficiência, abrindo novos caminhos para a aprendizagem e para a participação social.

Essa perspectiva conecta-se diretamente ao objetivo de compreender como a inclusão contribui para a construção da autonomia e emancipação desses alunos. Ao fornecer ferramentas que permitem a personalização do ensino e a superação de barreiras, a cultura digital promove o protagonismo do aluno autista. A gamificação, por exemplo, com suas regras claras e objetivos visíveis, atua como um recurso didático que reduz a ansiedade e aumenta o engajamento, características que se ajustam ao perfil de aprendizagem de muitos estudantes com TEA.

A disciplina me mostrou que a tecnologia, quando usada de forma pedagógica e intencional, é um poderoso instrumento para que esse estudante desenvolva a independência necessária para seu êxito acadêmico e futura inserção no mercado de trabalho, constituindo-se, portanto, como uma prática inclusiva fundamental que dialoga com minha trajetória profissional e com o compromisso ético de garantir equidade no acesso ao conhecimento.

3.3.2 Trabalho-Educação: Fundamentos Teórico-Didáticos II

Estudar esta disciplina foi fundamental e trouxe reflexões sobre o trabalho como princípio educativo. Essa temática apresenta o trabalho como categoria central para a compreensão do processo de formação humana na perspectiva histórico-dialética. De acordo com Saviani (1989, p. 8), “o que define a existência humana, o que caracteriza a realidade humana é exatamente o trabalho”. Nesse sentido a contribuição dessa disciplina nos faz pensar sobre a importância do trabalho para a dignidade humana e para a formação do homem. Segundo esse autor:

Se é o trabalho que constitui a realidade humana, e se a formação do homem está centrada no trabalho, isto é, no processo pelo qual o homem produz a sua existência, é também o trabalho que define a existência histórica dos homens. Através do trabalho o homem vai produzindo as condições de sua existência, e vai transformando a natureza e criando, portanto, a cultura, criando um mundo humano. Esse mundo humano vai se ampliando progressivamente com o passar dos tempos (Saviani, 1989, p. 8).

Nesse sentido, não há como discutir trabalho sem pensar em um modelo de escola capaz de oferecer aos alunos uma educação omnilateral, pois é a partir da concepção de conhecimento da escola que práticas excludentes, como a escola unilateral, são superadas.

Vale destacar que a escola unitária é a que pensa no desenvolvimento do ser humano como um todo, promovendo educação tanto para o trabalho manual e técnico, quanto para o intelectual. De acordo com Saviani (1989), a escola unitária configura-se como um projeto que aponta para o desenvolvimento social e humano, indo além dos simples avanços técnicos.

Quadro: Artigos e Produções Relevantes para a Pesquisa

Autor (es)	Título	Contribuições para Trabalho
MASCHIO, E. E. F.; OLIVEIRA, L. V.; OLIVEIRA, E. T. (2025)	Produção bibliográfica acerca dos recursos didáticos no ensino de ciências para estudantes com TEA.	Estado da Arte: Oferece um levantamento atualizado (2018-2024) sobre o que há de mais novo em recursos para TEA e Ciências.
SANTOS, Neide Maria (2021)	Educação inclusiva: práticas pedagógicas colaborativas para estudantes com TEA.	Metodologia: Foca em práticas colaborativas, essenciais para o suporte ao aluno autista no ensino

		regular.
SILVA, B. M. D. C. et al. (2017)	Educação inclusiva.	Conceituação: Traz os fundamentos teóricos da inclusão escolar no contexto brasileiro.
COSTA, C. T. O. P. et al. (2022)	Jogos digitais e potenciais educativos...	Inovação: Discute o uso de tecnologias e jogos como ferramentas de engajamento pedagógico.
SOUZA, Elizeu Clementino de (2014)	Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica...	Análise: Importante para fundamentar a parte qualitativa e os relatos de experiência da pesquisa.

O fundamento da formação humana integral e do trabalho como princípio educativo me oportunizou a base teórica necessária para compreender de que forma a inclusão contribui para a construção da autonomia e da emancipação de alunos autistas na EPT. Ao buscar a superação da escola unilateral em favor de uma educação omnilateral, a disciplina possibilitou entender que o aluno autista não deve ser preparado apenas para tarefas manuais e repetitivas, mas sim para o desenvolvimento de suas plenas capacidades intelectuais e sociais. Essa perspectiva é fundamental para a construção da autonomia, pois compreende a inclusão não como um processo de adaptação passiva, e sim como o direito desse estudante de produzir sua própria existência e cultura por meio de um trabalho que dignifica e humaniza.

Essa visão impacta diretamente a análise das práticas pedagógicas inclusivas. Uma prática que se pretenda inclusiva na EPT deve, obrigatoriamente, estar alinhada a esse princípio, oferecendo ao aluno com TEA acesso ao conhecimento totalizante, que integra ciência, cultura e tecnologia, e não apenas a um treinamento para funções específicas. Nesse sentido, Ciavatta (2014) nos lembra que a formação integrada busca superar a dualidade entre a cultura geral e a cultura técnica, recuperando o sentido da educação como formação humana.

A escola unitária, portanto, torna-se o espaço por excelência para que a educação profissional atue como motor de inclusão real, garantindo ao estudante o protagonismo social, pois a escola, ao incluir, está desempenhando sua função social de oferecer formação científica, cultural e conscientização para a vida em

sociedade, valores que ressoam profundamente com minha trajetória de superação pessoal e profissional.

3.3.3 Práticas Educativas na EJA-EPT: Teorias e Didáticas

Esta disciplina foi complexa, mas no decorrer das aulas as discussões foram fundamentais para uma formação mais sólida e cidadã. Sobre o direito à educação daqueles que não concluíram os estudos na idade apropriada, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), de 1996, visa atender esses cidadãos. A Educação de Jovens e Adultos (EJA) na EPT oferece subsídios para que se tornem autônomos e preparados para o mercado de trabalho.

Sobre isso Reichardt e Silva (2020, p. 59) trazem que:

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) foi criada para o indivíduo que não teve oportunidade de iniciar ou concluir seus estudos em idade escolar, no Ensino Fundamental ou Ensino Médio. A EJA almeja, também, desenvolver novas habilidades, formar cidadãos críticos, questionadores e conhecedores de seus direitos e deveres, além de um sujeito pleno e apto para exercer seu papel na sociedade.

Nesse sentido, são necessárias políticas de incentivo, compreendendo o desafio de estudar em meio ao cansaço físico. Dessa forma “o objetivo da EJA é desenvolver o processo de formação humana, social, ao respeitar a cultura, experiência e conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida dos discentes, complementando com valores e saberes novos e saberes técnicos e específicos.”

Diante do que foi estudado, pode-se concluir que as práticas educativas na EJA-EPT, ao priorizarem uma formação sólida e cidadã que respeita a cultura e a experiência de vida do aluno, são fundamentais para analisar as práticas pedagógicas inclusivas voltadas para alunos autistas. Para este público, a cidadania vai além do cumprimento de deveres; trata-se do acesso ao “sujeito pleno” mencionado por Reichardt e Silva (2020), capaz de questionar e ocupar espaços sociais.

Essa perspectiva me ajudou a compreender como a inclusão contribui para a construção da autonomia e emancipação. Ao integrar saberes técnicos e humanísticos, e ao valorizar a trajetória única de cada estudante, a EJA-EPT mune o aluno com TEA de ferramentas críticas para enfrentar estigmas e barreiras

comunicativas. A emancipação deixa de ser um conceito abstrato e torna-se uma realidade prática: o aluno autista jovem ou adulto, ao ser reconhecido em sua cultura e experiência de vida, desenvolve a consciência de seu papel na sociedade, garantindo que a educação profissional seja, verdadeiramente, um instrumento de dignidade e participação social ativa, aspectos que dialogam com minha própria trajetória como aluna trabalhadora e agora especialista na área.

3.3.4 Práticas Educativas Inclusivas na EPT: Teorias e Didáticas

Através desta disciplina, pude reforçar conhecimentos fundamentais sobre a percepção das diferenças, compreendendo que a inclusão não se restringe apenas a pessoas com deficiência ou estudantes neurodivergentes, mas a todos que têm seus direitos negados. Esta disciplina foi o divisor de águas para a escolha da minha temática.

Senti a necessidade de entender quais dificuldades um aluno autista enfrenta e quais práticas são utilizadas para sua emancipação. Percebi que minha temática possui um profundo impacto social e educacional na promoção da equidade. A sociedade precisa entender que as diferenças devem ser motivo de respeito, possibilitando a valorização das características únicas de cada ser. Ser uma pessoa com deficiência não a torna incapaz; somos iguais na diferença.

Incluir, portanto, não significa homogeneizar, mas, ao contrário, dar espaço para a expressão das diferenças. Uma diferença que se mostra não como desigualdade, mas como afirmação contundente do princípio de que todos são iguais no universo dos direitos humanos (silva, Pedro e Jesus, 2017, p. 2).

A inclusão de alunos autistas na EPT atua como instrumento de justiça social. De acordo com a Declaração de Salamanca, as escolas centradas na criança são a base para a construção de uma sociedade que respeite a dignidade e as diferenças de todos os seres humanos. Nesse sentido, Maschio ,Oliveira e Oliveira traz que:

[...] entende-se que há necessidade de profissionais capacitados para atender e compreender as individualidades dos educandos, promovendo um ensino de qualidade em condições igualitárias, buscando sempre novas estratégias metodológicas e recursos diversificados, promovendo a interação dos alunos em sala de aula e, conseqüentemente, a inclusão (Maschio; Oliveira; Oliveira, 2025, p.10).

.Esta fundamentação teórica sustenta o meu desejo de contribuir para uma Educação Profissional que não apenas receba o aluno autista, mas que forneça as ferramentas necessárias para sua autonomia e inserção digna na sociedade e no mercado de trabalho. Afinal, mais do que inserir o aluno em sala de aula, é fundamental garantir-lhe a dignidade de permanecer e contribuir ativamente durante todo o processo educativo.

3.3.5 Práticas educativas integradoras na Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

A disciplina de práticas educativas integradoras na EPT abordou aspectos essenciais para a formação docente e para o desenvolvimento de uma educação consciente e emancipadora. Essas práticas não se resumem apenas a juntar disciplinas ou até mesmo organizar os projetos interdisciplinares. Nesse sentido elas representam um olhar diferenciado para o ensino, enxergando o estudante em sua totalidade com história, sonhos, dificuldades e potencialidades. Quando a EPT articula trabalho, ciência, cultura e tecnologia, ela não está apenas preparando para o mercado, mas para a vida e para a cidadania.

A Educação Profissional e Tecnológica ao se inspirar nas ideias de Gramsci (1979) defende uma formação humana integral, a busca é por superar a divisão entre o trabalho manual e o intelectual. De acordo com Gramsci (1979), a educação deve integrar teoria e prática, pensamento e ação, de modo que o aluno não apenas realize tarefas, mas também entenda o significado social e político do que faz. Nessa visão, o estudante é encorajado a pensar de forma crítica e a se reconhecer como alguém capaz de transformar a sua realidade.

Uma ferramenta pedagógica fundamental alinhada a essa perspectiva, e que pode ser utilizada pensando na emancipação dos alunos com TEA, é o projeto integrador. O projeto integrador é uma estratégia didática que visa a articulação entre os diferentes componentes curriculares, partindo de uma situação-problema real ou simulada, para que os estudantes, de forma colaborativa, possam investigar, planejar e intervir. Segundo Araújo (2014), os projetos integradores no contexto da EPT buscam superar a fragmentação do conhecimento, promovendo uma

aprendizagem significativa ao conectar a teoria com a prática e com a realidade social dos alunos.

Para o aluno autista, essa metodologia é particularmente potente. Um projeto integrador bem estruturado, que pode envolver desde a criação de um produto até a resolução de um problema da comunidade, oferece um ambiente de aprendizagem com regras claras, prazos definidos e um objetivo comum. Isso favorece o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como a comunicação e a colaboração, e cognitivas, como o planejamento e a resolução de problemas.

Ao participar ativamente de um projeto integrador, por exemplo, desenvolvendo um plano de negócios para uma horta comunitária ou criando materiais de divulgação para uma campanha de conscientização, o aluno autista tem a oportunidade de aplicar seus conhecimentos técnicos de forma contextualizada, exercitar a autonomia na tomada de decisões e construir sua autoestima ao ver seu trabalho reconhecido pelo grupo. Dessa forma, o projeto integrador deixa de ser apenas uma adaptação de conteúdo e se torna uma experiência significativa que contribui diretamente para sua formação omnilateral.

3.3.6 Práticas educativas para permanência e êxito discente na EPT: Teoria didática

A permanência do aluno na Educação Profissional e Tecnológica é algo que deve ser priorizado por professores, gestores, comunidade escolar, familiares e governos federais e estaduais. No entanto, é necessário o desenvolvimento de ações que eliminem ou minimizem os problemas com a evasão e o abandono escolar. Para muitos, a evasão e o abandono são tratados como sinônimos; porém, são conceitos distintos. O abandono acontece quando o aluno se matricula e deixa de frequentar as aulas durante o período letivo; já a evasão ocorre quando o aluno não retorna no ano seguinte para se matricular — nesse caso, dizemos que o estudante evadiu, não concluindo os estudos.

Pesquisas apontam que os motivos mais frequentes relatados por alunos do sexo masculino são a necessidade de trabalhar e, em seguida, a falta de interesse. Já as mulheres, além de apontarem a necessidade de trabalhar, trazem a gravidez

como um dos principais motivos. A situação é ainda mais complexa quando se trata de jovens negros e alunos com deficiência.

As práticas docentes, juntamente com a gestão escolar, devem manter um olhar atento a esses alunos. É necessário entender se, de fato, o aluno abandonou a escola ou se foi “abandonado” por ela. A esse respeito, os questionários socioeconômicos realizados pelos alunos devem ser bem interpretados para que se conheça o perfil das famílias. Nesse sentido, é fundamental compreender a realidade dos estudantes e planejar ações que evitem esse problema educacional e social, já que são processos indissociáveis.

O discente necessita de práticas voltadas para seus interesses. Dessa forma, proporcionar aulas que valorizem os conhecimentos prévios desses estudantes, sua subjetividade, cultura e a realidade à qual pertencem são ingredientes essenciais para sua permanência na instituição de ensino.

Ainda sobre isso, o uso de ferramentas tecnológicas também pode ser um aliado no processo pedagógico. Vale destacar que as tecnologias assistivas podem melhorar as aulas e a compreensão de conteúdos por alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). É preciso um olhar acolhedor: as práticas pedagógicas devem ser inclusivas, em um ambiente democrático e respeitoso; do contrário, teremos um processo educacional excludente, ocasionando a segregação desses estudantes. A escola deve ter condições favoráveis, ou seja, uma estrutura que forneça a esse estudante sua autonomia, além de treinamento para todos os funcionários, a fim de melhorar a abordagem com os estudantes, é necessário também que o currículo escolar contemple as especificidades do aluno com deficiência. Outro fator indispensável se traduz na parceria entre a família, escola e profissionais que acompanham os estudantes neurodivergentes.

O docente dispõe de diversas estratégias metodológicas para qualificar o atendimento a alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Entre elas, destacam-se a utilização de recursos audiovisuais e o uso da Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA) por meio de suportes visuais, como cartazes e pictogramas. Além disso, é imprescindível que a mediação pedagógica ocorra por meio de comandos curtos, claros e objetivos, evitando-se o uso de figuras de linguagem que possam dificultar a compreensão. Outro recurso valioso é o cinema,

que atua como um importante aliado no processo educacional e na socialização desses estudantes. Essas metodologias buscam não apenas a transmissão de conteúdo, mas a construção da autonomia e do pertencimento do estudante no ambiente escolar.

Esses estudantes precisam de oportunidades não meramente iguais às dos demais colegas, mas de oportunidades com equidade, para que se tornem protagonistas na vida acadêmica e social. Como podemos notar, os desafios nessa modalidade de ensino podem ocasionar sérios prejuízos para esse público, bem como para a sociedade. Sabendo que a evasão reflete diretamente na falta de qualificação profissional, e que o mercado de trabalho está cada vez mais exigente e competitivo, uma intervenção urgente faz-se necessária.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A jornada percorrida ao longo desta especialização e a escrita deste memorial permitiram uma profunda reconexão com minha própria história e com meu propósito enquanto educadora. Ao olhar para trás e ver a menina de Cabrobó/PE, filha de agricultores, que enfrentou a vulnerabilidade e viu na educação a única porta para “vencer na vida”, compreendo que minha trajetória é o alicerce da minha atuação profissional atual. A transição da técnica em agroindústria para a pedagoga especialista em ABA e, agora, futura docente em EPT, revela um compromisso contínuo com a transformação social por meio do saber.

Os resultados desta reflexão apontam que a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) vai muito além da simples preparação para o mercado de trabalho. Ela é, em sua essência, uma ferramenta de emancipação humana. O curso me proporcionou clareza sobre conceitos fundamentais, como a omnilateralidade e o trabalho como princípio educativo, fundamentais para entender que o aluno autista não deve apenas ser “aceito” na escola, mas deve ter garantidas as condições de autonomia e equidade. A disciplina de Práticas Inclusivas foi um divisor de águas,

mostrando que a inclusão é um ato de justiça social que exige o rompimento com o modelo de escola unilateral e excludente.

Ao longo deste relatório, foi possível analisar as práticas pedagógicas inclusivas na EPT voltadas para alunos autistas. As reflexões sobre cada disciplina permitiram identificar um conjunto de estratégias potentes: o uso ético e crítico das tecnologias digitais e da gamificação (Cultura Digital), a implementação de projetos integradores que articulam teoria e prática (Práticas Integradoras) e a adoção de tecnologias assistivas para garantir a acessibilidade curricular (Permanência e Êxito). Todas essas práticas, fundamentadas nos princípios da formação omnilateral, afastam-se de uma visão assistencialista e apontam para a construção de um ambiente verdadeiramente inclusivo.

A pesquisa também cumpriu seu objetivo de relacionar essas práticas ao meu memorial autobiográfico. Minhas vivências como aluna da EPT e, posteriormente, como pedagoga em formação, foram o solo fértil onde essas teorias encontraram significado. As dificuldades que enfrentei e as conquistas que obtive me sensibilizaram para a importância de um olhar atento à subjetividade do discente, especialmente daquele com TEA, que muitas vezes enfrenta barreiras que vão além do conteúdo.

Dessa forma, posso afirmar que o objetivo geral de investigar como as práticas de inclusão na EPT influenciam a emancipação e autonomia de alunos autistas foi plenamente atingido. A principal conclusão a que chego é que a inclusão é o motor dessa emancipação. Quando a EPT fornece as ferramentas adequadas, sejam elas tecnológicas, didáticas ou relacionais, o aluno autista deixa de ser um espectador para se tornar protagonista de sua trajetória profissional e social. A dignidade da permanência, o desenvolvimento de uma autoimagem positiva e a preparação para uma inserção qualificada no mundo do trabalho são frutos diretos de um processo educativo que valoriza a singularidade e promove a equidade.

O processo de escrita deste memorial (auto)biográfico foi, por si só, uma prática de formação valiosa. Escrever sobre minhas vivências — desde as dificuldades na pandemia até os desafios como monitora no IF — permitiu-me desenvolver uma competência acadêmica mais crítica e sensível. A leitura e a pesquisa para este trabalho consolidaram a percepção de que a teoria e a prática

são indissociáveis. Aprendi que narrar a própria história é uma forma de organizar o pensamento pedagógico, reconhecendo falhas e celebrando conquistas que hoje fundamentam minha prática docente.

Como proposta para minha futura atuação na EPT, pretendo aplicar o olhar da equidade e da docência inclusiva, utilizando as tecnologias assistivas e a gamificação não como meros recursos, mas como pontes para o aprendizado de alunos neurodivergentes. Minha expectativa é atuar de forma a impedir que outros alunos sejam “abandonados” pelo sistema, lutando por políticas de permanência e êxito que respeitem a subjetividade de cada estudante.

Concluo este trabalho com a certeza de que a educação, de fato, muda as pessoas, e que a especialização em Docência na EPT me preparou para ser agente dessa mudança. Sigo convicta de que o caminho para uma sociedade democrática e respeitosa passa, obrigatoriamente, por uma educação profissional que acolha a diversidade e promova o protagonismo de todos, sem exceção.

As discussões e reflexões travadas ao longo das disciplinas foram fundamentais para consolidar a análise sobre as práticas pedagógicas inclusivas na Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Através do aporte teórico estudado, foi possível identificar que a inclusão de alunos autistas não se esgota no acesso, mas exige estratégias didáticas que respeitem a neurodiversidade e promovam o engajamento real. Ao confrontar os objetivos desta pesquisa com os conteúdos ministrados, percebeu-se que a adaptação curricular e o uso de tecnologias assistivas, discutidos em aula, são os pilares que sustentam uma prática pedagógica capaz de romper com a exclusão velada no ambiente técnico.

Ao sintetizar todo o percurso formativo e as descobertas desta pesquisa, torna-se evidente que a inclusão de alunos autistas na Educação Profissional e Tecnológica não se configura como um ato isolado de matrícula ou de adaptações pontuais, como também um compromisso ético-político com a construção de uma escola verdadeiramente democrática e de uma sociedade mais justa. A articulação entre os referenciais teóricos gramscianos e savianianos e as práticas pedagógicas concretas, como o Desenho Universal para a Aprendizagem, os projetos integradores e as tecnologias assistivas, revelou que a autonomia e a emancipação desses sujeitos são diretamente proporcionais à capacidade da instituição de romper

com estruturas excludentes e de oferecer uma formação que integre trabalho, ciência, cultura e tecnologia.

Assim, a EPT, ao assumir seu papel de formadora omnilateral, transcende a lógica do mercado e se consolida como um espaço de resistência e de produção de novas possibilidades existenciais para o aluno com TEA, que, munido de conhecimentos técnicos e de uma consciência crítica, pode não apenas inserir-se dignamente no mundo do trabalho, mas também atuar como agente transformador da realidade que o cerca. É nesse movimento dialético entre o fazer e o pensar, entre o individual e o coletivo, que a inclusão se materializa como prática de liberdade, reafirmando minha crença inabalável de que a educação, de fato, muda as pessoas, e que pessoas mudadas transformam o mundo.

A especialização em Docência na EPT contribuiu imensamente para minha atuação profissional. Primeiro, ao me instrumentalizar com um referencial teórico crítico, como os conceitos de omnilateralidade e escola unitária, que me permitem analisar a realidade educacional para além da superfície. Segundo, ao me apresentar práticas pedagógicas concretas e baseadas em evidências, como o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), que me fornecem um caminho para planejar aulas que sejam acessíveis a todos os estudantes desde o início, sem a necessidade de adaptações posteriores.

Essa formação me deu a segurança necessária para defender e aplicar estratégias que garantam a permanência e o êxito de alunos autistas, transformando minha prática em um exercício de promoção da dignidade humana e da equidade no ambiente educacional e, futuramente, no mercado de trabalho. Sigo convicta de que o caminho para uma sociedade democrática e respeitosa passa, obrigatoriamente, por uma educação profissional que acolha a diversidade e promova o protagonismo de todos, sem exceção.

NOTA ÉTICA

Declaro que, para a estruturação deste trabalho, foram utilizadas ferramentas de Inteligência Artificial (IA) generativa, especificamente o ChatGPT (OpenAI) e o Gemini (Google), como suportes técnicos e linguísticos diferenciados.

O ChatGPT foi utilizado como recurso auxiliar na redação e refinamento dos objetivos geral e específicos, visando garantir a clareza metodológica e a utilização de verbos adequados ao rigor acadêmico. Já o Gemini foi empregado na revisão ortográfica, gramatical, na elaboração das considerações finais, no resumo e na organização das referências bibliográficas segundo as normas da ABNT.

Ressalto que a concepção intelectual, a escolha da temática e a fundamentação teórica baseada nas vivências e estudos realizados durante a Especialização são de minha exclusiva autoria. O uso das tecnologias de IA deu-se de forma ética e subsidiária, servindo como suporte para o aprimoramento da escrita e da estrutura textual, sem prejuízo à originalidade e à integridade do processo de pesquisa (auto) biográfico aqui apresentado.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, R. M. L. **Práticas pedagógicas e ensino integrado**. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. (Orgs.). *Ensino médio integrado: concepção e contradições*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

BERSCH, R. **Introdução à tecnologia assistiva**. Porto Alegre: Assistiva Tecnologia e Educação, 2017.

BRASIL. **LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. 3. ed. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2023.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Censo da Educação Básica 2018**: notas estatísticas. Brasília, DF: INEP, 2019.

CIAVATTA, M. **O ensino integrado, a politecnia e a educação omnilateral**. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. (Orgs.). *Ensino médio integrado: concepção e contradições*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

COSTA, Caio Túlio Olímpio Pereira da; SILVA, Leandro Paz da; CARVALHO, Ana Beatriz Gomes Pimenta de. Jogos digitais e potenciais educativos: os anos 90 como força-motriz do imaginário tecnológico em A Pantera Cor-de-Rosa: Passaporte para o Perigo. **Revista Tecnologia e Sociedade**, Curitiba, v. 18, n. 54, p. 207–226, out./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/13690>. Acesso em: 30 set. 2025.

FUCHS, Pedro Henrique Camargo; STUANI, Willian Ricieri Dias. Crimes cibernéticos e a legislação brasileira. **Anuário Pesquisa e Extensão**, [s. l.], 2021. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/apeusmo/article/view/27927>. Acesso em: 30 set. 2025.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Summus, 2015.

REICHARDT, C. B.; SILVA, M. A. A importância da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na formação do cidadão. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, São Paulo, v. 6, n. 11, p. 57-68, nov. 2020.

SANTOS, Neide Maria. **Educação inclusiva: práticas pedagógicas colaborativas para estudantes com transtorno do espectro do autismo**. 2021. 199 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas) — Universidade Católica de Santos, Santos, 2021.

SAVIANI, Dermeval. **Sobre a concepção de politecnia**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1989. (Texto utilizado como base para a disciplina citada no memorial).

SILVA, Berenice Maria Dalla Costa da; PEDRO, Vanize Inez Dalla Costa; JESUS, Eliane Maria de. Educação inclusiva. **Revista Científica Semana Acadêmica**, Fortaleza, ano I, n. 99, 11 jan. 2017. Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/artigo/educacao-inclusiva>. Acesso em: 18 fev. 2026.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensivo-interpretativa e política de sentido. **Educação**, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 39–50, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/11344/pdf>. Acesso em: 18 fev. 2026.

MASCHIO, Eloisa Eduarda França; OLIVEIRA, Lucilia Vernaschi de; OLIVEIRA, Elaine Tótolli de. Produção bibliográfica acerca dos recursos didáticos no ensino de ciências para estudantes com Transtorno do Espectro Autista. *Revista Internacional de Pesquisa em Didática das Ciências e Matemática (RevIn)*, Itapetininga, v. 6, e025012, p. 1-25, 2025. Dossiê: Educação inclusiva e Ensino de Ciências.